

O TRABALHO PREVENTIVO NAS ESCOLAS CONTRA O PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO DOS TRANSGÊNEROS

Aline Meireles Jardim¹

RESUMO: Este artigo apresenta métodos, orientação sobre transgêneros, a identidade de gêneros, conceitos e termos. Sociologia no Ensino Médio, a trajetória da Sociologia como disciplina do Ensino Médio, pressuposto metodológicos, questão que remetem as licenciaturas em Ciências Sociais e Sociologia e os valores atribuídos aos diferentes campos científicos. Após a análise de dados das categorias foi possível perceber, entre outras evidências, que uma licenciatura em Ciências Sociais, precisa proporcionar ao licenciado, meios de integrar os conhecimentos específicos aos conhecimentos pedagógicos, permitindo o diálogo entre estas áreas. Como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são naturais, totalmente biológicas, quando, na verdade, parte delas é influenciada pelo convívio social. Além disso, a sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher. Porém, essa construção de sexo, não é um fato biológico, é disciplina que tem como objetivo levar o aluno a reflexão e informação superficiais, sem comprovações científicas, cheias de vícios e preconceitos de senso comum.

Palavras chave: Sociologia no ensino médio, identidade de gêneros, diferenças, construção de sexo.

ABSTRACT: This article presents methods, guidance on transgender, the identity of genres, concepts and terms. Sociology in high school, the trajectory of sociology as a discipline of high school, methodological assumption, an issue that recall the degrees in Sociology and Social Sciences and the values assigned to the various scientific fields. After the data analysis of the categories it was revealed, among other evidence, that a degree in social sciences needs to provide the licensee ways to integrate the expertise to pedagogical knowledge enabling dialogue between these areas. How social influences are not fully visible, it seems to us that the differences between men and women are natural, completely biological, when, in fact, part of it is influenced by social interaction. In addition, the society we live in spread the belief that the genitals define whether a person is male or female. However, this construction of sex is not a biological fact, it is discipline that aims to bring the student to surface reflection and information without scientific evidence, full of vices and prejudices of common sense.

Keywords: Sociology in High School, gender identity, difference, sex construction

¹ Pós-graduação em Sociologia

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos o mundo vem passando por diversas transformações, sendo elas cultural, política e porque não sexual... Estas transições ocorrem em todos os sentidos e são necessárias, pois só a partir daí é que ocorrem as mudanças.

De fato a Educação Sexual, é um dos Temas Transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, com a indicação de que deva ser trabalhado por todas as disciplinas. Entretanto, há muitos educadores que não se sentem confortáveis para tratar este assunto com seus alunos. Muito menos na especificidade da homossexualidade. Tal desconforto se dá pela falta de informação que os expõe da sua fragilidade em relação ao tema. O que põe a perder sua naturalidade da docência. A homossexualidade, bem como suas variantes, constituem assunto velado no ambiente escolar uma vez que ferem conceitos e pré conceitos, tanto aos alunos, quanto aos professores, que ainda mantém postura conservadora sobre essa questão.

Os temas transversais são muito difíceis de trabalhar e enfrentar com os adolescentes. É uma idade cheia de conflitos e concorrência não conseguindo descobrir o porquê de tantas mudanças sejam elas físicas e principalmente psicológicas... dificuldade de aceitação do seu corpo e as vezes do seu próprio gênero sexual. Mediante a isto observa-se que os homossexuais estão deixando a obscuridade e se revelando ao mundo, deixando de ter vergonha de sua “opção sexual”, por causa disso ganham um grande destaque na mídia de todo o mundo, buscando seu bem estar na sociedade, exigindo direitos que, antigamente, eram vetados a eles.

2 VISÃO DOS DIVERSOS ASPECTOS

2.1 ASPECTOS TEÓRICOS

A homossexualidade apenas para a espécie humana é um tema polêmico, uma vez que é natural o sentimento de individualidade, de identidade que os estudos antropológicos esclarecem. Porém, não se pode apoiar tal estudo apenas em aspectos comportamentais ou histórico-culturais, uma vez que estes podem ser muito subjetivos e igualmente questionáveis. Assim, a escolha do tema, se dá pela urgência em divulgar, conhecer e esclarecer algumas das últimas pesquisas, que a ciência vem revelando acerca da homossexualidade entre os seres vivos, inclusive o ser humano. A partir da tomada de consciência a respeito das implicações condicionantes biológicas, torna-se possível a reflexão com seriedade sobre o assunto. Justificando a proposta do trabalho como necessário ao melhor convívio social, entre as

diversidades de gênero. A homossexualidade tratada com tal enfoque permite superar séculos de injustiças cometidas contra pessoas de naturezas diversas e contrárias aos preceitos dogmáticos e moralistas da sociedade humana, enfoque este tão emergente quanto os demais problemas de ordem idêntica, como as questões do racismo, do antissemitismo, do especismo, do sexismo. Entre tantas barbáries que se comete, por não aceitar o que fuja ao pré-concebido pela educação tradicional e castradora, principalmente por parte de alguns segmentos da sociedade patriarcal conservadora, e também religiosa nesta questão. Desde os últimos escândalos sexuais desvelados constantemente pela mídia, ambos mostram seu caráter hipócrita diante da sociedade, pois praticam o oposto do que se prega e oculta nos interiores dos lares tão tradicionais e templos tão sagrados.

3 MANIFESTAÇÕES HOMOSSEXUAIS NA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR NESTE CONTEXTO

À medida que o tempo passa, as manifestações sexuais na escola se tornam cada vez mais frequentes e já quase se igualam entre meninos e meninas. Isso talvez se dê pelo fato de terem hoje maior liberdade para expressarem os sentimentos e a contribuição da própria mídia, com exposições diárias de personagens homossexuais, que conquistam o público por sua originalidade e demonstram serem pessoas normais, assemelhando-os a qualquer outro ser humano heterossexual em termos de vida, respeito, luta, caráter, cidadania, etc.

Na escola, entretanto, as pesquisas apontam como um incômodo as manifestações homossexuais entre os alunos, que são considerados fora da norma de conduta sexual adequada, tanto que ainda se utilizam do termo “heteronormatividade”, o qual resume esse conjunto de atitudes preconceituosas e compulsórias perpetuando séculos de discriminação (PINHEIRO, 2009).

Na revista Nova Escola (2009), foi publicada matéria que diz que no dia-a-dia da escola, uma das situações mais incômodas é a manifestação exagerada da homossexualidade, "assumir uma postura de enfrentamento é uma tática de reação muito comum do jovem, que pode se dar por meio de atitudes como afinar a voz, rebolar (se menino) ou agir de maneira bem agressiva e engrossar a fala (se menina)", descreve Lúcia Facco, doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e estudiosa do assunto.

Em outra parte, Ramirez Neto, da ONG Corsa diz que "quem chama a atenção dessa forma está defendendo seu jeito de ser, da mesma maneira que o faria um aluno esquerdista que vai à aula vestindo uma camiseta com a estampa de Che Guevara".

Michel Foucault (1997, p.130), já descrevia a teoria de Menelau sobre o beijo dos rapazes como “não nascido da arte, mas da natureza”. O que nos revela que falar de

sexualidade constitui entre os iniciantes à vida sexual, uma questão urgente de saúde muito maior do que moralismos, que revelam sua ineficiência desde que a humanidade existe. Os adolescentes já se casavam muito cedo para que as famílias não corressem o risco de que aparecessem grávidas de repente. Na verdade, a natureza humana, sempre falou mais alto, quando o assunto é sexo. A razão só poderá modificar a sociedade para o sexo seguro, com muito diálogo e informação, sem preconceito e com consciência das consequências naturais do sexo irresponsável, que muitas vezes é a prática comum entre adolescentes homossexuais tanto pelo comportamento de afronta, como de exclusão que o leva à desinformação. Ninguém se sente ofendido ao falar de sistema nervoso ou digestório, mas se o assunto é sistema reprodutor, logo os risinhos e maledicências surgem provocando rubores e muita curiosidade e interesse. Isso porque, é de fato um assunto que foi proibido por muito tempo entre as pessoas, mas que oferece um prazer que os outros sistemas não oferecem. Mesmo que sejam sem os riscos de consequências como as DST ou uma gravidez indesejável. E por isso, é que foram tão proibidos no passado. Mas hoje com os preservativos e anticoncepcionais, não há mais tanta preocupação neste sentido e a juventude compreende que o prazer do sexo está relacionado mais às formas de convívio e relações afetivas do que para a pura reprodução. E quando o professor é gay? Muitos preferem não explicitar sua sexualidade e isso evita discriminações não só pelos colegas, mas pelos alunos e pelos pais dos alunos. Há casos de professores que têm seus empregos ameaçados. Entretanto, há muitos que se assumem e demonstram competência em sua prática pedagógica, demonstram que o resultado pode ser de clareza e respeito na relação professor aluno. Entretanto se o professor sentir-se discriminado isso pode afetar seu desempenho e seu relacionamento no trabalho de modo muito prejudicial ao processo ensino-aprendizagem. Discriminação no ambiente escolar sob qualquer aspecto é lamentável; constitui crime previsto em diversas leis e estatutos da constituição brasileira. O que falta é que se prepare o professor já desde a formação em nível de curso normal ou magistério ou de graduação para ser um profissional desvestido de seus preconceitos. Não é direito de ninguém discriminar, mas é direito de todos não ser discriminado. "O professor tem de entender que não vai mudar a orientação sexual de um jovem, mas tem como despertar na turma o respeito pela diversidade sexual", aconselha Maria Helena Vilela, diretora do Instituto Kaplan, especializado em Educação e sexualidade (Nova Escola, 2009). A escola toda deve ser trabalhada para uma educação realmente inclusiva, não apenas em relação à educação de portadores de necessidades especiais, mas nos mais diversos aspectos de diferenças trazidas dos contextos sócio-político econômico dos educandos, incluindo as diferenças de gênero.

4 ASPECTOS HISTÓRICOS

A homossexualidade entre humanos é muito antiga. No passado remoto era praticada com naturalidade como forma de socialização, e depois, como prática de satisfação sexual, simplesmente. Na Idade Média, passou a ser considerada como ato pecaminoso e de repúdio, com penalização das mais cruéis às pessoas, que fossem identificadas como homossexuais, gerando todo tipo de tortura, discriminação e até a condenação à morte. Tais acontecimentos não se limitavam à sociedade comum, entre os cientistas houve também testes, para tentar corrigir o problema com técnicas de eletro choques e até mesmo de lobotomia¹, realizada por Egaz Moniz, em 1935, ganhador do prêmio Nobel em psiquiatria de intervenção, mesmo tendo levado alguns pacientes a óbito.

Houveram várias passagens na história de distorção dos conceitos em função da falta de tecnologia e conhecimento para compreender os aspectos que levam o indivíduo à prática da homossexualidade. Entretanto muitos estudiosos interessaram-se em compreender primeiramente o que era considerado como um “desvio sexual, uma inversão do masculino e do feminino” (WESTPHAL, 1870), o que hoje já acena para a aceitação sem tanta resistência quando se trata o assunto na escola. Atualmente o grande problema da homofobia leva à prática de assassinatos que chegam nos últimos vinte anos ao absurdo número de 2.403 gays mortos (REVISTA MÁTRIA, 2008, p. 16).

Esta prática além de violenta e criminosa demonstra a intolerância da sociedade que agora conta com diversos programas criados pelo governo federal, para mudar esta situação no Brasil.

5 ASPECTOS CIENTÍFICOS

Entre a Homossexualidade, a heterossexualidade ou a bissexualidade, mesmo os estudos mais sérios foram mudando de foco, ao longo da história. Conforme o que se compreendia segundo os preceitos de cada época, cometendo inclusive alguns desacertos como o uso da palavra “homossexualismo” que já desde a década de 70 foi modificada para “homossexualidade” pela Organização Mundial da Saúde – OMS. Isso graças aos estudos desenvolvidos pelas Associações Americanas de Psiquiatria e de Psicologia, pois o sufixo “ismo” se dava por considerar a prática homossexual uma doença, o que hoje se sabe que não o é.

No Brasil também foi modificado em 1985, pelo Conselho Federal de Psicologia, o que iniciou um processo de transformação social para a aceitação e legalização dos direitos aos homossexuais. Vale lembrar que o termo “homossexualismo” foi criado em uma época de pouca informação com conhecimento puramente empírico e sem fundamentação real, diferentemente da atualidade em que já há recursos científicos tecnológicos sofisticados para

um estudo mais aprofundado. Entretanto ainda é comum observar mesmo nos programas de jornalismo da atualidade, a desatualização sobre o termo que continua sendo veiculado como um sinônimo, o que ainda causa o desconforto sobre o assunto aos desinformados e reforça de certo modo, o preconceito que ainda se mantém vivo no cotidiano escolar. Mesmo que mais amenizado pelos processos educativos de inclusão social. De fato o preconceito pressionou a ciência atrasando seus avanços, desde a falta de colaboração dos demais acadêmicos para o livro de Bagemihl (1979), no qual descreve os estudos sobre 450 espécies de animais que praticam a homossexualidade e na sua busca encontrou inclusive relatórios feitos pela marinha americana vetados, sobre comportamento homossexual em baleias.

Tal relatório foi vetado pelos militares e só muito depois foi descoberto pelos pesquisadores. Nesta busca por informações, muitos outros relatórios e estudos trouxeram ideias novas para melhor compreensão da prática homossexual não apenas em humanos, mas também em diversas espécies animais desde grupos mais simples aos mais desenvolvidos. Em 1987, o biólogo americano W.J. Tennent publicou um artigo intitulado

Nota sobre a Aparente Queda dos Padrões Morais da Lepidoptera". Após descrever o homossexualismo das borboletas do Marrocos, afirmou: "Talvez seja um sinal dos tempos o fato de a literatura entomológica estar no caminho da decadência moral e das ofensas sexuais". O cientista achou imoralidade em borboletas (BURGIERMAN, 1999).

Os estudos etológicos sobre a homossexualidade entre os animais revelam que esta prática na natureza constitui importante mecanismo de controle populacional, entre outros fatores de socialização. Isto nos remete a refletir sobre tal mecanismo também sobre a espécie humana, pois é fácil imaginar se todos os humanos fossem heterossexuais, reproduzindo-se ao longo dos milhões de anos que habitam o planeta, estaríamos provavelmente com uma população imensamente maior a explorar os recursos naturais, e quiçá até, já estivéssemos à beira da extinção pelos danos muito maiores que já teríamos provocado ao meio ambiente. Pensando no excesso populacional, poderia contestar-se que a necessidade de reduzir drasticamente o índice de natalidade, invalida qualquer crítica biológica dos grupos não reprodutores, como os frades e as freiras, os solteirões e solteironas e os homossexuais permanentes.

Está certo, numa base puramente reprodutiva, mas não se tomam em consideração outros problemas sociais que, em certos casos, esses grupos têm de encarar, por se tratar de minorias especiais e isoladas. No entanto, desde que sejam membros valiosos e ajustados da sociedade, além da esfera reprodutiva, podem mesmo encarar-se como valiosos contribuintes para a limitação da natalidade (MORRIS, 1993, p. 74).

Se a reprodução existe para a perpetuação da espécie, mais ainda reforça a importância da homossexualidade, uma vez que no ambiente familiar, são justamente os irmãos homossexuais os que primeiramente se ocupam dos ofícios de auxiliar a mãe com os afazeres domésticos e de cuidados com os irmãos, garantindo assim, que através da reprodução destes, assegurada pelos seus zelos, seus genes igualmente são transferidos às novas gerações de sua família. “Há ainda vários outros estudos interessantes descritos como o feito com células do hipotálamo, região das emoções no cérebro humano, que em autópsias se revelaram menores tanto em homens quanto em mulheres homossexuais (LEVAY, 1991).” Há outros como dos psicólogos Michael Bailey e Richard Pillard (1998), que analisaram 110 pares de gêmeos idênticos, que mesmo tendo sido criados separados, 70% desenvolvem a mesma sexualidade seja hetero ou homossexual, e nos estudos de Thomas Bouchard, cerca de 8 mil gêmeos estudados, também criados separados, este índice sobe para 82% (OLIVEIRA, 1998). Entre os mais recentes, os estudos de Dean Hamer (1993), publicado por uma das mais renomadas revistas científicas, a Science, sobre as incidências de homossexuais entre familiares de ordem paterna e de ordem materna e sobre os genes do cromossomo X, na região q28, que poderiam indicar sequências de DNA semelhantes entre homossexuais. Embora seus estudos sejam contestados acerca do tal “Gene Gay”, como foi intitulado.

Outros estudos genéticos também apontam que os genes podem sim influenciar em cerca de 40% na determinação da sexualidade, conforme afirma Bocklandt quando diz que "a melhor maneira de ver que a homossexualidade é genética é ver que a heterossexualidade é genética" (In NOGUEIRA, 2010).

Em junho de 2008, foi publicado um estudo na Suécia que constata que o cérebro dos homossexuais funciona de modo invertido em relação aos heterossexuais. Este foi um dos estudos mais importantes da atualidade, pois revela a característica biológica desta natureza humana. Os estudos puderam ser comprovados pela equipe de Ivanka Savic, do Instituto Karolinska, a partir de ressonância magnética em voluntários hetero e homossexuais (VIEIRA, 2008). Somados aos outros tipos de estudos, os de ordem genética demonstram que a homossexualidade pode passar a ser compreendida não mais como uma opção, mas sim como uma condição sexual do indivíduo, o que muda toda a perspectiva sobre a educação e os direitos aos homossexuais.

Segundo NOGUEIRA (2010):

Pode-se resumir que a ciência vem estudando e contribuindo de diversas formas para a compreensão do comportamento homossexual revelando resultados estatísticos relativos a fatores como: Mães de gays costumam ser mais férteis, portanto têm mais filhos, o que leva a um aumento de homossexualidade entre irmãos que têm mais irmãos heterossexuais; A ordem de nascimento é outro fator que pode levar à influências como a ação hormonal e anticorpos da mãe a atacar o feto masculino, afeminando-o; Estruturas cerebrais como a diminuição do hipotálamo; Rede moínhos no cabelo de homossexuais, em geral no sentido anti horário; Canhotos costumam ter maior chance de serem homossexuais do que destros; A relação entre dedos anelar e indicador que costumam ser mais próximos entre mulheres homossexuais; O tom de voz do homossexual costuma ser facilmente reconhecido por quem ouve mesmo sem ver quem fala; A habilidade para cálculos cresce na ordem mulher hetero, mulher gay, homem gay e homem hetero. Porém, nenhum desses estudos é

conclusivo e ainda há muito a se descobrir e conhecer, pois apesar de toda a modernidade, ainda há muita força contrária que leva os cientistas a desistirem de seus projetos de pesquisa pela pressão social, principalmente em países como os EUA, de grande comunidade religiosa.

6 ASPECTOS LEGAIS

Desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) se busca a igualdade de direitos entre as pessoas, mas está ainda não dá poderes legais na grande maioria das nações do mundo, que são regidas por leis e códigos de conduta discriminatórios até a atualidade. No Brasil, a constituição garante vários direitos fundamentais às pessoas independente de seu gênero sexual. Porém o Estado de São Paulo é o mais avançado com Lei específica já em vigor, a Lei Nº 10.948, sendo o estado que possui maior índice populacional no país. Há ainda vários outros projetos de leis tramitando nas câmaras e congressos das esferas municipais, estaduais e federal, além de jurisprudência sobre direitos a respeito de adoção de crianças e herança patrimonial para casais gays sólidos. A união estável já foi legalmente aprovada em vários estados brasileiros, compreendida como um casamento, entre homossexuais. Hoje já existem vários países no mundo que aprovam o casamento homossexual, o que encurta muitas disputas judiciais. Entretanto há ainda muita discriminação, como foi televisionado no domingo de 25 de abril de 2010, no programa Fantástico da Rede Globo, sobre países africanos que, em pleno séc. XXI, ainda impõem a pena de morte aos homossexuais.

7 PORQUE TRABALHAR COM SOCIOLOGIA E DIVERSIDADE SEXUAL COM ADOLESCENTES

Primeiramente é importante definir as relações de sexo, gênero e sexualidade, com frequência, que são erroneamente usados como sinônimos. Quando conceituamos sexo, refere-se às características biológicas de homens e mulheres, ou seja, às características específicas dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos, ao seu funcionamento e aos caracteres sexuais secundários decorrentes dos hormônios. Sobre esta questão BOURDIEU (2003) nos explica que há:

Semelhanças na diferença, tais oposições são suficiente pelo jogo inesgotável de transferências práticas e metáforas; e também suficientemente divergentes para conferir, cada uma, uma espécie de espessura semântica, nascida da sobre determinação pelas harmonias, conotações e correspondências. (BOURDIEU, 2003 p.16)

Definindo gênero, podemos dizer que se refere às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.

O conceito de sexualidade refere-se ao dado sexual, que se define pelas práticas erótico-sexuais nas quais as pessoas se envolvem, bem como pelo desejo e atração que leva a sua expressão (ou não) através de determinadas práticas. Esse dado também é chamado por alguns/as de “orientação sexual”, e comumente classifica as pessoas em “heterossexuais”, “homossexuais” e “bissexuais”.

O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo.

Esse papel começa a ser construído desde que o (a) bebê está na barriga da mãe, quando a família de acordo à expectativa começa a preparar o enxoval de acordo ao sexo. Dessa forma, cor de rosa para as meninas e azul para os meninos. Depois que nasce um bebê, a primeira coisa que se identifica é o sexo: “menina ou menino” e a partir desse momento começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir, de atuar. O que BOURDIEU (2003) vai nos afirmar que a divisão das coisas e atividades na oposição entre masculino e feminino recebe sua necessidade subjetiva e objetiva na inserção de um sistema de oposições homólogas.

A sociologia procura entender as razões sociais para problemas da sociedade e tipos de soluções adequados a eles. A família é responsável em educar a atitude e comportamento das crianças e adolescentes, a escola vai dar fundamento e conhecimento. São conhecimentos diferentes, mas educam e contribuem na tolerância de aceitar as diferenças dos outros. Pode-se inferir, que toda sociedade complexa é bastante heterogenia, porque é formado de indivíduos muito diferente entre si e essa diferença, que em princípio ser apenas natureza, logo tenta tornar-se de valor, acarretando assim em um cenário de verdadeira luta de classes, permeada por todo tipo de preconceito e intolerância.

RENAULT e RIOS (2010) afirmam que:

A discriminação, qualquer que seja a sua natureza, deve ser repudiada, inclusiva e principalmente aquela que ocorre nas relações de trabalho, visto que constituem uma das maiores violências contra dignidade da pessoa humana, pois priva a vítima de direitos básicos, criando dificuldade para a melhoria de sua condição de vida, resultando em desigualdade social que se caracteriza por ameaça permanente a existência. (RENAULT; RIOS, 2010, p.290)

Ela cerceia a experiência, mobilidade, à vontade; e impõe diferentes formas de humilhação. Essa depauperação permanente, produz intenso sofrimento, uma tristeza que se cristaliza em um estado de paixão crônica na vida cotidiana, que se produz no corpo memorioso de geração a geração. Segundo FLEURY e TORRES (2010): Quando um

indivíduo é reconhecido como pertencente a um grupo minoritário, ele já se encontra em vantagem em relações aos demais indivíduos da sociedade em questão, pertencente aos grupos majoritários.

Essa categorização pode fazer-se por meio da orientação sexual. Diante do contexto social atual, de um mercado de intensas mudanças, no qual as organizações ter, se preocupa em buscar novas formas de gestão para poderem permanecer num mundo cada vez mais competitivo, é necessário questionar por que alguns gestores, ainda deixam de selecionar profissionais por preconceito, entre eles contra os transgêneros. A temática do preconceito de gêneros e sexual no Brasil tem sido bastante discutida FLEURY (2000) afirma que:

Não havia medidas concretas sendo tomadas a respeito, embora o programa nacional dos Direitos Humanos, criado em 1996, visasse programar atos internacionais relacionados aos direitos humanos com a convenção nº.111 da Organização internacional do trabalho (OIT), sobre discriminação nas relações de emprego. O fato é que a implementação efetiva de políticas para combater a discriminação. FLEURY (2000).

Para isso partiu-se das seguintes hipóteses: Existem indícios de que há preconceito por parte dos recrutados, por questão de gêneros e sexualidade, portanto se concentra em investigar e como ocorre o preconceito no mercado de trabalho. O objetivo geral deste trabalho é realizar um estudo acerca dos entraves e desigualdades enfrentados pelo transgênero. Foram publicadas no Diário Oficial da União duas resoluções que garantem direitos para a comunidade e LGBT, uma delas estabelece parâmetros para garantir condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais- "e todas aquelas que tenham sua identidade de gêneros não reconhecida em diferentes espaços sociais"- nas instruções de ensino.

Caso haja distinção quanto ao uso de uniformes, por exemplo, também deve ser facultado a escolha de vestimenta conforme a opção de cada pessoa. Em outro trecho do documento, o texto diz que o reconhecimento da identidade de gêneros deve ser estendido a estudar adolescente sem que seja obrigatório a autorização do responsável. O estudante também passa a ter direito de ser chamado, quando solicitar pelo nome social quando a identificação civil não corresponder a sua orientação, não cabendo qualquer tipo de objeção.

A aplicação da sociologia no Brasil como matéria obrigatória no currículo escolar é recente. Em 2008 o presidente em exercício, José Alencar, sancionou a lei que garantia a aplicação das duas matérias filosofia e sociologia. A partir daí as escolas foram gradativamente implantada as disciplinas na grade curricular até que em 2012 todos os três anos do Ensino Médio estão ofertando as disciplinas em sua grade de horários. Ações e

projetos que visam a orientação sexual, doenças sexualmente transmissíveis e diferenças de gêneros no qual se busca primeiro sensibilizar os professores.

Como fazemos parte de uma sociedade "capitalista", é complicado para ele, entender que tem que estudar sociologia, já que não consegue perceber, por exemplo, que conhecimento adquiridos, por meio desta disciplina poderão ajudá-lo a conquistar uma melhor condição no mercado de trabalho. Sobre os casos de homofobias nas escolas, através de análises percebe-se que o ambiente escolar tem uma fase importante de formação e orientação. Seria necessário esse cuidado para que os que não se identifique com seu gênero, não sofram violência e queiram sair da escola, ou até pensar em suicídio por não se sentirem aceitos no ambiente escolar. Sendo assim, vamos tentar entender, como funciona: conceitos e termos, quando o homem atribui um sexo a todas as coisas, não vão nesse um jogo, mas acreditar a ampliar seu entendimento:

Só muito mais tarde descobri, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribui a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do sol (NIETZSCHE, 2008, p.27).

Cada um (a) de nós é uma pessoa única, que porém tem características comuns a toda a humanidade. Elas nos identificam com alguns e nos tornam diferentes de outros com a região em que nascemos e crescemos. Na nossa classe social temos ou não uma religião, idade nossas habilidades físicas, entre outras que marcam a diversidade humana. Dentre essas dimensões, este guia se foca na do gênero. Relembre da sua formação pessoal: Desde criança você foi ensinado (a) a agir e a ter uma determinada aparência, de acordo com o seu sexo biológico.

Entretanto, o fato é que a grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é constituída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um pape de gêneros 'adequado'.

Como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são naturais, totalmente biológico, quando, na verdade, parte delas é influenciada pelo convívio social.

Além disso, a sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher. Porém, essas construções de sexo não é um fato biológico, é social.

O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.

Ser masculino ou Feminino, homem ou mulher, é uma questão de gêneros. Logo, o conceito basicamente para entendermos homens ou mulheres é o gênero. Se adotamos ou não determinados modelos e papéis de gêneros, isso pode independer de nossos órgãos genitais, dos cromossomos ou de alguns níveis hormonais.

Todos e todas nós vivenciamos, em diferentes situações e momentos da vida, inversões temporárias de papéis determinados para o gênero de cada um: somos mais ou menos masculino, nos fantasiamos, interpretamos, etc. Para algumas pessoas, a vivência de um gênero discordante do sexo é uma questão de identidade, é o caso das pessoas conhecidas como travestis, e das transexuais, que são tratadas, coletivamente, como parte do grupo chamado de "transgênero"

Pessoa Transexuais ou transexualidade é uma questão de identidade, não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa, não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente pensam, não é uma escolha nem é capricho, ela é identificada ao longo de toda a História e no mundo inteiro. No Brasil, ainda há consenso sobre o termo, vale ressaltar.

Apresentarei um ponto de vista partilhado com algumas outras pessoas, especializadas e militantes. Reconhecendo-se a diversidade de formas de viver o gênero, dois aspectos cabem na dimensão transgênero, enquanto expressões diferentes da condição.

Há ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero. Aqui o Brasil ainda não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo querer, outros a antiga denominação andrógina ou, ainda, reutilizam a palavra transgênero.

Tem sido utilizado o termo "transfobia" para se referir a preconceitos e discriminação sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral.

Muito ainda tem de ser enfrentado para se chegar a um mínimo de dignidade e respeito à identidade das pessoas transexuais e travestis, para além dos Estereótipos.

Um deles leva alguns a esquecer que algumas pessoa transgênero vivencie outros aspectos de sua humanidade, além dos relacionamentos a sua identidade de gêneros: que não a de ser uma pessoa transexual, como foi discutido no começo do guia: ela tem raça, classe origem geográfica, religião, idade, uma rica história de vida, para além da transexualidade. Entre as pessoas de um mesmo grupo há grande diversidade: as pessoas brancas não são todas

iguais, como não são as pessoas negras, mulheres, homens, indígenas, transexuais e tantas outras.

8 AS CORES DA BANDEIRA LGBT E O SEU SIGNIFICADO



A bandeira LGBT é o símbolo do orgulho, do reconhecimento e da cultura LGBT a nível mundial. Desenhada pelo artista plástico Gilbert Baker, em 1977, a bandeira LGBT é composta por listas horizontais de seis cores diferentes (roxo azul, verde, amarelo, laranja e vermelho), semelhantes à do arco-íris. Estas cores representam a diversidade humana. Saiba então um pouco mais sobre cada cor da bandeira LGBT.

Inicialmente a bandeira LGBT tinha oito cores, as seis que atualmente formam a bandeira LGBT e mais duas, o rosa e o turquesa. A cada cor é atribuído um significado específico e com o objetivo de definir a cultura, os interesses e todo o movimento LGBT:

ROXO – Significa o espírito, o desejo de vontade e a força.

AZUL – Significa as artes e o amor pelo artístico.

VERDE – Simboliza a natureza e o amor pela mesma.

AMARELO – Simboliza o sol, a luz e a claridade da vida.

LARANJA – Simboliza a cura e o poder.

VERMELHO – Significa o fogo, a vivacidade.

Cores antigas:

ROSA – Simboliza o sexo e o prazer carnal.

TURQUESA – Simboliza a harmonia e a pacificação.

A bandeira já é um ícone de toda a cultura LGBT e está presente nos mais variados eventos, festas e organizações de temática lésbica, gay, bissexual e transgênera. Para além da representação da cultura LGBT e dos seus direitos esta bandeira representa também a paz, sendo usada na segunda guerra mundial como símbolo da esperança numa nova era.

9 BANDEIRA DO ORGULHO TRANSGÊNERO

Sobre a bandeira, sua autora, Monica Helms, comenta:

“Azul para meninos, rosa para meninas, brancos para quem está em transição e para quem não se sente pertence a qualquer gênero. Simbolizar que não importa a direção do seu alvo, ele sempre estará correto!”

A verdade é que ninguém hoje sabe por que alguém é transexual, apesar das várias teorias. Uma dizem que a causa biológica, outras que é social, outras que mistura questões biológicas e sociais.

Ao contrário de alguns pensam, o que determinam a condição transexual e como as pessoas se identificam, e não um procedimento cirúrgico. Assim, muitas pessoas que hoje se consideram travestis seriam, em teoria, transexuais adotam nome, aparência e comportamento masculinos, querem e precisam ser tratados com quaisquer outros homens.

Uma pessoa transexual pode ser bissexual ou homossexual, dependendo de gêneros, que adota e dos gêneros com relações ao qual se atrai afetivo-sexualmente, portanto, mulheres transexuais que se atraem por homens são heterossexuais, tal como seus parceiros, homens transexuais que se atraem por mulheres também; já mulheres transexuais que se atraem por outras mulheres são homossexuais vice versa.

A coragem de ser quem se é, ou seja, pessoas que se identificam com alguma das expressões da transexualidade enfrentam um primeiro desafio: reconhecer a si mesmo e fazer

decisões pessoais sobre se e quando irão apresentar aos outras formas como se identificam, cada um(a) tem o seu tempo.

É preciso compreender que essa atitude não é simples de se tomar, nem fácil de pôr prática, porém é necessário, para que elas possam ser que são por inteiro, entre seus amigos, na família, no trabalho, na rua.

Escrever ou falar conforme um vocabulário reconhecido pelas pessoas representadas é especial para valorizar a cidadania. Com relação a travestis e transexuais, é comum o uso da expressões que levam a concepções errôneas sobre a vivencia e os desafios dessa pessoas.

10 REFORÇANDO

Com relação a pronomes, as pessoas transgênero devem ser tratadas de acordo com o gênero com o qual se identificam, se você não está certo (a) quanto o gênero da pessoa, pode perguntar, respeitosamente, como ela prefere se tradada, e tratá-la dessa forma.

10.1 SEXO

Classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais.

10.2 GÊNERO

Classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres, orienta papéis e expressões de gêneros. Independente do sexo.

10.3 EXPRESSÃO DE GÊNEROS

Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais da aparência e seu comportamento, de um determinado gênero. Depende de cultura em que a pessoa vive.

10.4 IDENTIDADE DE GÊNEROS

Gêneros com qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da dimensão deferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quantos as pessoas de gênero.

10.5 PAPEL DE GÊNEROS

Modo de agir em determinadas situações conforme o gênero atribuído, ensinado às pessoas desde o nascimento. Construção de diferenças entre homens e mulheres. É de cunho social, e não biológico.

10.6 TRANSGENERO

Conceito "guarda-chuva" que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamento e/ou papéis esperados do gênero que lhe foi determinado quando de seu nascimento.

10.7 TRANSGENERIDADES

São invisíveis no currículo, no livro didático e até mesmo nas discussões sobre direitos humanos na escola.

A tendência já detectada em pesquisas consagradas segundo as quais a escola se nega a perceber e a reconhecer as diferentes de públicos, mostrando-se "indiferente ou diferente, 'no caso estudantes homossexuais, bissexuais ou transgênicos, sua expressão mais incontestáveis. Professores/as costumam dirigir-se a seus grupos de estudantes como se não houvesse ali um gay, uma lésbica, um/a bissexual ou alguém que esteja se interrogando acerca da sua identidade sexual ou de gêneros. Impera, nesse caso, o princípio de heterossexualidade presumida, que faz crer que não haja homossexualidade em um determinado ambiente (ou, se houver, deverá ser "coisa passageira" 'que se "resolverá quando ela/ela encontrar a pessoa certa).

A presunção de heterossexuais e, ao mesmo tempo, dificulta enormemente a expressão e o reconhecimento da homossexualidade e, ao mesmo tempo, dificulta enormemente a expressão e o reconhecimento da homossexualidade como maneiras legítimas de se viver e se expressar afetiva e sexualmente" (BECKER, 2005).

De forma especial, este conjunto de pesquisa nos desafia a explorar com mais consistência os pressupostos de que gêneros é uma construção social plural e relacional e um organizador do social e da cultura, o que demanda dos esforços analíticos e políticos importantes. O primeiro implica aceitar o desafio de desconstruir a oposição binária masculina/feminino que, de forma simples e linear, posiciona o homem como dominar e a mulher como dominada. O segundo esforço supõe o deslocamento de abordagem que focalizam apenas um dos termos dessas oposição, para dar-nos conta de que o mesmo movimento que "naturaliza" a subordinação com um atributo bem feminino a ser modificado, define a denominação como uma características intrínseca ao masculino que não

seria modificável; e esse pressuposto explicita-se, por exemplo, no ainda pequeno volume de políticas e das ações programáticas e curriculares que investem na (re) configuração e na educação de meninos e de homens para o exercício de outras formas de masculinidade e paternidade.

No contexto das investigações a que recorriam esse exercício tem permitido, com se não as conhecemos, teorias e práticas que nos constituem tão profundamente que nem as percebíamos mais como as pretendidas e esta é uma das possibilidades que se abrem com essas abordagens: a de reinventar nós a nos mesmas os enquanto sujeitos de gênero e, de formas articulada a isso, reinventarmos algumas das práticas educativas que se constituem dessas atribuições.

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construtor chamado sexo seja culturalmente construído quanto o gênero, a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como uma interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado. (BUTLER, 2003, p.24-25)

A educação sem homofobia tem sido destacada nos meios acadêmicos, assim como para a diversidade, bem como os direitos humanos e a educação ambiental, tendo em vista que é direito de todo cidadão ter na escola a educação voltada para todos os aspectos, cognitivo, afetivo, social e moral. Segundo Junqueira (2002 Borges; Meyer, 2003):

Os casos homofóbicos no Brasil, merecem destaque, visto que a violência por discriminação sexual, acrescida de morte, é de cento e cinquenta pessoas por ano. Como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são naturais, totalmente biológico, quando, na verdade, parte delas é influenciada pelo convívio social.

O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.

Ser masculino ou Feminino, homem ou mulher, é uma questão de gêneros. Logo, o conceito basicamente para entendermos homens ou mulheres é o gênero. Se adotamos ou não determinados modelos e papéis de gêneros, isso pode independe de nossos órgãos genitais, dos cromossomos ou de alguns níveis hormonais.

Todos e todas nós vivenciamos, em diferentes situações e momentos da vida, inversões temporárias de papéis determinados para o gênero de cada um: somos mais ou menos masculino, nós fantasiamos, interpretamos, etc.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim concluo este trabalho dizendo, como é bem difícil administrar e trabalhar com as pessoas, quanto aceitação da sua maneira ser, e como é importante trabalhar todas as diferenças com os jovens e comunidade escolar, pois sempre houve um triste estereótipo de como cada pessoa tem que ser, para melhor ser aceita pela sociedade. Assim as próprias famílias vão moldando os filhos para que seja “normal” ... Hoje nós professores deveríamos, por estarmos na escola para darmos este possível suporte ao educando, orientar quanto aos direitos de cada um, e o respeito, acima de tudo. As pessoas defendem a ideia, que já aceitamos mais as pessoas transgêneros, quando na verdade encobre-se o pensar negativo a respeito do que realmente se pensa. O preconceito entre os jovens vem ocorrendo direto no ambiente escolar. Há grupos intimidando colegas homossexuais ou muitas vezes nem tem opção sexual ainda, sofrem apenas por se vestir diferente, por ter outros interesses são perseguidos e mal compreendidos. Diante deste contexto escolar e social, onde a todo dia vivemos intensas mudanças, esta temática do preconceito de gênero e sexual no Brasil, tem sido bastante discutida por uma sociedade complexa e bastante heterogênea, porque nosso país é formado de indivíduos totalmente diferentes entre si. E estas diferenças, que em princípio seriam apenas de natureza, se mostram, logo tende a tornar-se de valor exibindo assim momentaneamente em um imenso e colorido cenário de luta de classes, permeada dos mais diversos tipos de preconceitos e intolerâncias entre as próprias pessoas.

REFERÊNCIAS

BAGEMIHL, Bruce. *Biological exuberance - Animal Homosexuality and Natural Diversity*. St. Martin's Press, New York, 1999.

BECKER, Harward. *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BORGES, Virgínia; PREDES, Rosa. *Serviço social: Temas em debate*. Maceió: Editora Edufal, 2002.

BURGIERMAN, Denis Russo. *Ação entre iguais*. Revista Superinteressante. Vol. 143, São Paulo: Abril, agosto, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, M. G.; ABROMAVAY, M.; SILVA, L.B. *Juventudes e sexualidades*. Brasília: Unesco, 2004.

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC, 2013.

FLEURY, A. R. M.; Torres, A R. R. *Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais*. Estudos de Psicologia, v. 24, 2007.

_____. *Homossexualidade e Preconceito: o que pensam os futuros gestores de pessoas*. Curitiba: Juruá, 2010.

FLEURY, M. T. L. *Gerenciando a Diversidade Cultural: Experiência de empresas brasileiras*. In: ERA – Revista de Administração de Empresas. v. 40, nº 3, jul/set, 2000.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.

<http://www.lgbt.pt/cores-bandeira-lgbt/> .acesso em 24/12/2015

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal*. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas in JUNQUEIRA. R. D. (Org.): Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LEVAY, Simon. *A difference in hypothalamic struture between heterosexual and homosexual men*. Science, 30.08.1991.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. *Corpo, Gênero e Sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão*. In: MEYER, Dagmar Estermann;

MEYER, Dagmar E. *Gênero e educação: teoria e política*. In: Louro, Guacira L.; Neckel, Jane F. e Goellner, Silvana V. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 9-27. 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Aurora*. Tradução de Anatonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008.

Ministério da Saúde. *Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

MORRIS, Desmond. *O macaco nu*. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

NOGUEIRA, Pablo. *O polêmico gene gay*. Revista Galileu. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR80153-7943,00.html>. Acesso em 25/04/2010.

OLIVEIRA, Lucia Helena. *Gêmeos: A vida no plural*. Revista Superinteressante. 15 ed. São Paulo: Abril, 1998.

Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília: MEC, (1997).

PINHEIRO, Tatiana. *Será que elas são...* Revista Nova Escola. Vol. 222. São Paulo: Abril Cultural, 2009.

RENAULT, L. O. L.; RIOS, M. I. F. *Discriminação: Desdém da Pessoa Humana em Branco e Preto*. São Paulo: LTr, 2010.

REVISTA MÁTRIA. *Ser ou não ser*. Brasília: CNTE, 2008.

SOARES, Rosângela de Fátima. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

WESTPHAL, Carl. *Die conträre sexuellempfindung*. Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten, vol. 2, Berlim, 1870.

VIEIRA Vanessa. *A diferença se vê no cérebro: descoberto que os homossexuais são mais parecidos com pessoas do sexo oposto*. Revista Veja. 2066 ed. São Paulo: Abril, 25 jun. 2008.